



**AS
PÁGINAS
ABERTAS
DA
AMÉRICA
LATINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

**AS PÁGINAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA:
UMA LEITURA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA**

LARISSA CASAGRANDE FOPPA

Porto Alegre

2018

LARISSA CASAGRANDE FOPPA

**AS PÁGINAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA:
UMA LEITURA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Porto Alegre

2018

LARISSA CASAGRANDE FOPPA

**AS PÁGINAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA:
UMA LEITURA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – UFRGS – Orientadora

Prof. Dr. Marcelo Argenta Câmara – UFRGS

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella – UFRGS

Profa. Dra. Denise Theves – UNIRITTER

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a todos os meus professores de Geografia, desde o fundamental até o ensino superior. Destaco a professora Inês, que me ensinou Geografia ao longo das antigas sétima e oitava série. Como eu poderia imaginar que o encantamento trazido tantos anos atrás seria o empurrão final na minha escolha de vestibular? Obrigada, professora, por fazer a Geografia ser importante na minha vida.

Também à minha orientadora, professora Ivaine Maria Tonini, por ter me tranquilizado nos momentos de ansiedade e pela sua dedicação, uma pessoa que me mostrou caminhos possíveis de fazer acontecer essa pesquisa que, em certo ponto, achei que não seria possível de ser realizada. E também pelas folhas que voltavam completamente riscadas (risos); sem tua correção atenta esse trabalho não teria progredido da maneira como progrediu.

Um muito obrigada aos meus pais pelo incessante apoio aos meus estudos, apoio que sempre me impeliu para frente na busca de um ensino continuado, uma educação que, aprendi bem: nunca está encerrada, sempre devemos buscar mais a se aprender.

Também fizeram especial parte desse processo os colegas Natalia Silva Schulz e Péterson Oliveira Silveira. Obrigada por tudo, desde as risadas até o chororô (do TCC) que envolveu nossa experiência juntos nesses 5 anos.

E, por fim, por que não: agradeço a mim mesma por ter escrito o trabalho que segue, permitindo, assim, que me tornasse professora.

RESUMO

Esse trabalho tem intenção de analisar os dizeres sobre América Latina nos livros didáticos de Geografia do 8º ano do ensino fundamental. A análise visa averiguar que América Latina se ensina atualmente nessas obras. Foi feito um panorama da arquitetura do livro didático, uma análise das escalas geográficas que embarcam a América Latina e um aspecto histórico do pré, durante e pós colonialismo, considerando o desenvolvimento desse conteúdo em um contexto escolar, que prima pela reflexão, e as expectativas que se tem dele. Outro ponto trazido é o de documentos e leis como o Plano Nacional de Educação e a Base Nacional Comum Curricular, visando uma exploração em escala federal do ensino no Brasil. Com base nessas leituras, dados e reflexões, foi realizada a análise de três livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático em 2017, tendo em vista seus aspectos estruturais, assim como as linguagens usadas, seja escrita, seja gráfica, e os principais enfoques que têm esses livros quando abordam a temática América Latina. O recorte do 8º ano do fundamental se deu em função da temática “Continente Americano” ser tradicionalmente um conteúdo de enfoque nesta fase do ensino. Os resultados envolvem um maior destaque a América Anglo-Saxônica e menor à América Latina, conteúdo que em dois dos três livros calhou a ser o último abordado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. América Latina. Livro didático. Discurso.

RESUMEN

Esta monografía tiene la intención de analizar los textos sobre América Latina, en los libros de texto de Geografía del 8º año de la escuela básica en Brasil. El análisis quiere averiguar lo que es esta América Latina y lo que se enseña actualmente de esas obras literarias. Se hizo un panorama de la arquitectura de los libros de texto, un análisis de las escalas geográficas que involucran la América Latina y un aspecto histórico de lo previo, lo durante y lo post colonialismo considerando el desarrollo de ese tema en un contexto escolar, que prima por la reflexión y las expectativas que se tiene de esto. Otro punto rescatado es el de documentos y leyes como el Plan Nacional de Educación y la Base Nacional Común Curricular, buscando un análisis a escala federal de la enseñanza en Brasil. En base a estas lecturas, datos y reflexiones, se realizó la lectura de tres libros didácticos aprobados por el Programa Nacional del Libro Didáctico en 2017, teniendo en cuenta sus aspectos estructurales, así como los lenguajes usados, sean escritos, sean gráficos y los principales enfoques que tienen estos libros cuando abordan la temática América Latina. La especificación del 8º año de la educación básica se dio en función de la temática "Continente Americano", ser tradicionalmente un contenido de enfoque en esta etapa de la escuela básica. Los resultados involucran un mayor destaque a América Anglosajona y menor para América Latina, contenido este, que en dos de los tres libros fue el último a ser discutido.

Palavras-chave: Enseñanza de Geografía; América Latina; Libro de texto; Discurso.

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS	7
2. O LIVRO DIDÁTICO EM ESTUDO	10
3. PENSAR A AMÉRICA LATINA	14
3.1 REGIÃO E TERRITÓRIO.....	15
3.2 LEGITIMAÇÃO DE UMA SUPOSTA INFERIORIDADE.....	17
4. O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	21
5. AS PÁGINAS ABERTAS DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	25
5.1 A ESTRUTURA.....	26
5.2 OS DIZERES E AS GRAFIAS.....	28
5.1.1 MAPAS	31
5.1.2 AMÉRICA ANTES DA COLONIZAÇÃO.....	34
5.1.3 ASPECTOS NATURAIS	37
5.1.4 ECONOMIA E MUNDO DO TRABALHO	39
5.1.5 POPULAÇÕES LATINAS	43
6. REFLEXÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1. PALAVRAS INICIAIS

Nas tentativas de conceber um trabalho de conclusão de curso, pensar em pesquisa no ensino de Geografia pareceu penoso até eu encontrar uma direção, um caminho que me levasse desde a abstração de um trabalho acadêmico até o que nós, professores, temos como a realidade da sala de aula. Não existe certeza sobre qual foi a pessoa que me conduziu ao livro didático como fonte de análise, mas, seja a quem for, estou grata. O que é mais presente em sala de aula do que o livro didático? O clássico do ensino que acompanha há séculos as transformações da educação, enquanto ele mesmo é modificado e adaptado.

Apesar de o livro didático ter demorado um pouco para aparecer nas minhas reflexões sobre o trabalho de conclusão de curso, a América Latina sempre foi muito presente como enfoque. Fui guiada a esse tema em função de uma identificação, uma noção de pertencimento; não houve neutralidade frente a escolha do direcionamento dessa pesquisa. A região e território latino-americano é um tópico que desperta constantemente meu interesse, um conteúdo riquíssimo que dá impressão ser daqueles que, quanto mais se estuda, mais se percebe o quanto ainda há para se aprender.

Tratar, então, do América Latina dentro das páginas dos livros didáticos foi uma escolha que comportou um assunto que me é muito querido e um recurso didático que provavelmente vai me acompanhar ao longo de toda minha carreira docente. Inclusive, a importância dessa pesquisa especificamente na Geografia foi reforçada pela percepção empírica e referenciada em documentos e apuramentos que tratam sobre a falta de professores da disciplina de Geografia em sala de aula, sobre como somos substituídos por licenciados de outras áreas de conhecimento¹.

A partir do momento em que se entra em uma sala de aula fora do campo de ensino que se estudou ao longo de anos, não há domínio do conteúdo, nem das abordagens pedagógicas de dita disciplina. Logo, o livro torna-se o apoio principal da aula; dali saem as certezas, a linguagem adequada e, no nosso caso, as escalas, conceitos e abordagens geográficas.

¹ Falo mais sobre essa questão no capítulo "O Ensino em Âmbito Federal".

Em nenhum momento, entretanto, deve se pensar no livro como menos útil aos professores de Geografia. Uma maior dependência dele voltada aos professores com graduações que não a geográfica não aparta essa ferramenta das nossas mãos. É uma constante: o livro se faz presente em sala independentemente do nível de dependência que o/a profissional de educação apresenta para desenvolver o ato de ensinar – nesse caso – a Geografia.

De acordo com o Censo Escolar de 2016, dos professores que se encontram lecionando Geografia nos anos finais do ensino fundamental, 52,5% têm graduação na área e em licenciatura. Os demais atuantes são graduados no bacharelado, outras licenciaturas, ou não têm qualquer formação no ensino superior. O livro didático nesses casos tende a não ser um complemento, um apoio: a aula desses professores é pautada exclusivamente nos livros didáticos pois, sem formação, é o local de fácil acesso e disponibilidade que se tem sobre o que é Geografia, o que ela representa, como ela nos cerca.

O objeto livro didático é um recurso que complementa a aula, seja com textos escritos, seja com gráficos, mapas, fotografias. A leitura dos textos escritos, por exemplo, é acessível a todos os professores, desde que dominem a interpretação de texto, uma habilidade comum. O que pode causar problemas é a leitura, por exemplo, de mapas. Há mapas que nos permitem extrair informações para preencher páginas de análise; as informações estão dispostas graficamente, e resta aos leitores entender como foram espacializados os dados que estavam em mãos do/a autor/a daquele mapa. Tendo essa fonte rica de possibilidades de interpretação e análise em mãos, cabe ao/a professor/a evidenciar para a turma essas questões, até um dado momento em que se tenha uma turma qualificada a ponto de realizar leituras reflexivas com autonomia.

Esse trabalho não vai explorar a questão do letramento cartográfico, menciono ele como exemplo apenas para evidenciar que o livro não se sustenta por conta. É uma ferramenta que permite aos professores abordagens que, se não há domínio do conteúdo, ficam atreladas a algo muito básico, um caminho seguro para se falar de Geografia.

Em se tratando do recorte proposto, todos os livros que serão aqui trabalhados são do 8º ano do Ensino Fundamental em função do objeto principal desse ano ser o Continente Americano. A abordagem da análise vai comportar aspectos estruturais das obras, estimando, por exemplo, se há um desequilíbrio entre o espaço dedicado

a América Anglo Saxônica e a América Latina. É provido o mesmo espaço de desenvolvimento de conhecimentos a uma região que comporta dois e outra que agrega mais de vinte países e territórios?

O objetivo deste trabalho é, tendo como base alguns dos livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD de 2017, investigar como se ensina América Latina no 8º ano do Ensino Fundamental. Para atender esta problemática de estudo os objetivos específicos são:

- a) Identificar os conteúdos relacionados a América Latina;
- b) Mapear a estrutura editorial dos conteúdos da América Latina nos livros didáticos;
- c) Refletir sobre os dizeres de América Latina;
- d) Analisar que América Latina está sendo ensinada aos estudantes.

2. O LIVRO DIDÁTICO EM FOCO

A escola constantemente muda e se adapta às alterações em sua estrutura física e curricular, seja na estruturação do ensino básico, na presença de tecnologias, na falta de verba dos governos. É uma instituição com séculos de história, sob a proposta de fornecer educação, essa última palavra ainda mais antiga que a própria escola, existente, como dizem os avós: desde que o mundo é mundo. Na promoção do ensino formal, usamos instrumentos, recursos para proporcionar as trocas do educar.

As mudanças e adaptações da escola permeiam os ambientes internos e externos, os conselhos de classe, o mimeógrafo e o xerox, o retroprojetor e a televisão em sala. Tendo em vista essa contextualização histórica do ambiente escolar, há um objeto que se mantém ao longo de décadas sempre presente em sala de aula: o livro didático que, assim como a escola, mudou de forma e conteúdo com o passar do tempo, apesar de ter permanecido a sua função.

O livro didático é uma presença constante na escola. Há muitas décadas no Brasil temos programas, institutos, fundações visando a distribuição, regulamentação, controle de produção, qualidade, etc desse material. Nossos avós, pais e nós usamos o livro didático. Se faz presente tanto nas escolas privadas como públicas, sendo que nessa última os alunos têm acesso gratuito às coleções até 2018. As escolas podem ter ou não biblioteca, sala de vídeo, retroprojetores,... Mas elas têm livros didáticos; pode-se confiar na presença deles. E ali podem ser usados seja como suporte, seja como o pilar principal da aula.

Hoje em dia, o programa vigente que coordena esse tópico é o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD. Este

é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil (BRASIL, FNDE, 2018).

Todas as etapas do ensino básico têm acesso a material regulamentado pelo PNLD. Há toda uma construção por parte dos autores que determinará como que se

estruturarão os conteúdos que serão apresentados ali; criar um livro é, antes de mais nada, um processo arquitetônico. Ele possui alicerces: capítulos, unidades, títulos, temas, textos escritos e gráficos. À equipe editorial responsável cabe a determinação de qual será a extensão dos capítulos, a organização, cores, o design das coleções no virar das páginas.

A elaboração de uma publicação que será entregue a milhares e até milhões de brasileiros não é um processo simples, principalmente quando ela age como um certificador de conhecimentos. A importância da informação do conteúdo no livro didático engloba seu público alvo, a amplitude do alcance e da reprodução desses conteúdos e a determinação de que discursos surgirão a partir deles, pois esses são de regulação incontável, visto que os discursos partem dos leitores.

Afinando esse raciocínio especificamente à América Latina, desde a posição do capítulo onde ela se encontra dentro do livro, passando pela quantidade de páginas dedicadas a ela e até os conteúdos específicos que serão retratados, pode-se ter diversas visões de América Latina. Termos como subdesenvolvida, em desenvolvimento, terceiro e primeiro mundo, riqueza, miséria, vão pintando as Américas e dando incentivo à formação de concepções que podem inclusive estar em desacordo com o espaço que os estudantes conhecem e vivenciam, mas que são aceitos pelo lugar de poder do qual o livro parte. O livro é uma ferramenta múltipla, mas oportunizar o questionamento cabe aos professores e alunos. Sem que se use de seus recursos, o livro não se reflete da maneira rica como poderia vir a ser. É como coloca Costella, principalmente tratando sobre a discussão do ausente:

Nas entrelinhas do Livro Didático, significa no ausente, na produção e na interpretação dos fatos, nas intenções e principalmente na proximidade do conjunto de assuntos com o aluno e seu lugar. Nas entrelinhas temos o alcance das nossas potencialidades, o poder das nossas marcas. Localizando-nos nas entrelinhas é que abandonamos o reducionismo e o sectarismo (2017, p. 179).

É importante também pensarmos nas possíveis leituras textuais e gráficas do livro saindo um pouco da escola; às vezes nós (licenciados, pedagogos, técnicos administrativos de escolas,...) começamos a falar do ambiente escolar e parece que o mundo além dele vai se tornando um borrão; o olhar aguça para questões do ensino e por vezes acaba-se negligenciando outros fatores envolvidos na educação dos

alunos. Pra isso atenta Molina ao considerar a carga de leitura deles fora de ambiente escolar:

O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato. Considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pegar nos livros, percebe-se que, para muitos cidadãos, o livro didático termina por ser “o” livro (*apud* BARRETO, 2009, p. 64).

Pensando sobre quais são as outras leituras impressas das crianças e adolescentes até a vida adulta, às vezes não temos nada ou quase nada além do que trouxe a escola. O acesso fica restrito ao que se lê ali e, novamente, temos à nossa frente a questão do poder de influência do livro didático. A veracidade que traz essa leitura endossada pelas políticas de governo nas mãos de alguém que não desenvolveu a autonomia de uma leitura crítica, que não questiona, não leva em conta termos específicos usados no texto que refletem certos tipos de discursos,... A leitura é um exercício, e o saber ler vai além da compreensão das palavras. Lendo é que se aprende a ler. A mera compreensão das palavras não leva além de uma (falta de) interpretação que nos conduz a respostas prontas. Tonini discorre sobre essa questão dentro do contexto de América Latina quando coloca que:

Nos livros didáticos de geografia, o que é dito sobre os latino-americanos são discursos que produzem um significado, o qual passa a ter efeito de verdade por meio de incorporação de estratégias que os nomeiam como diferentes dos europeus. Isso se dá através de relações de poder, através de mecanismos que entram em operação para produzir discursos com efeitos de verdade sobre aquilo que nomeiam (2002, p. 29).

Assim, o livro é um lugar de poder, acredita-se no que está ali escrito. É um documento que foi produzido para fins educacionais, que foi avaliado e revisado até chegar em sala de aula. Ao aluno sem autonomia da crítica e aos professores graduados em outras disciplinas, o livro didático de Geografia não se mostra um lugar propício ao questionamento; em se tratando do que é certo para a Geografia, se aceita e reproduz aqueles conhecimentos das obras, pois vêm impressos como verdades. Isso leva ao senso comum. Se o professor com formação em Geografia não estabelece reflexões alargadas para além do que está escrito, o que se pode inferir dos professores sem a formação adequada?

As obras estão envolvidas em um trabalho complexo que engloba um extenso caminho desde a criação de um título até o referencial teórico.

O livro didático de Geografia, ao chegar às nossas mãos como um produto pronto e acabado, já foi submetido a regras, a restrições, a convenções e a regulamentos próprios das políticas educacionais e editoriais. As diversas transformações que interferem em sua produção podem ser vistas como disputas por uma hegemonia cultural em torno de diferentes significados, para autorizar e legitimar qual conhecimento deve ser veiculado como oficial no livro didático. O livro torna-se um espaço de produção de significados inscritos por códigos de uma determinada cultura (TONINI, 2002, p. 119).

Os reflexos dessa produção de significados vão se dar na construção dos imaginários dos alunos. Parece contraditório o espaço vivenciado ser visto de outra maneira pelo que se coloca no livro didático, considerando a América Latina tão extensa e um olhar crítico ausente, termos e ideias trazidos pelas obras se consolidam nas mentes dos alunos. Um exemplo é o continente africano com sua “história única”².

A imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo época e local, e possui como característica comum apresentar a sociedade mais do modo como aqueles que, em seu sentido amplo, conceberam o livro didático gostariam de que ela fosse, do que como ela realmente é. [...] Não é suficiente, no entanto, deter-se nas questões que se referem aos autores e ao que eles escrevem; é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela (CHOPPIN, 2004, p. 557).

Choppin traz nesse parágrafo uma discussão que outros autores ao longo deste capítulo também trouxeram: a da ausência ou do silenciamento. Um ponto importante na minha análise tem de se dar em função desse item. Não apenas se vai levar em conta o que os livros didáticos dizem, mas também o que não dizem.

² Retiro esse termo de um discurso de Chimamanda Ngozi Adichie, onde a escritora discorre sobre os estereótipos que se consolidaram e até hoje são muito reproduzidos sobre o continente africano como sendo um espaço de miséria, fome e subdesenvolvimento por termos apenas uma, e não diversas visões sobre as complexidades da África.

3. PENSAR A AMÉRICA LATINA

Minha primeira aproximação com o tema foco desse capítulo se dará no sentido das escalas de análise geográficas³ que ele comporta pois, se a Geografia permeia todos os aspectos do espaço geográfico, então que essa questão se torne clara para os alunos, inclusive corroborando com o papel da Geografia como um estudo que é ciência.

Possuímos técnicas para realizar análises: se a Geografia proporciona a leitura do espaço, precisamos levar isso para a sala de aula. De outra forma, corremos o risco de nossa disciplina ser atrelada a uma aula de conhecimentos gerais, atualidades ou outros jargões que desvalorizam nosso ensino como válido dentro de um currículo, dando respaldo a situações como a que se desenvolve com a proposta de renovação do Ensino Médio pelo governo do Estado.

Sobre as escalas geográficas, pode-se pensar o espaço que compreende a América Latina pelo critério de demarcação, de delimitação e agregação desses países - como uma região e pode-se pensar esse espaço num sentido de pertencimento, identidade - como território. Essas duas escalas trazem um entendimento diferente sobre o que é a América Latina e configuram de maneira diferente o que é ser latino americano, o que é fazer parte desse espaço.

Num contexto de sala de aula precisa ficar clara a posição de pertencimento e vivenciamento do tema: não se estuda algo distante, onde cabe ao imaginário conceber o espaço: pertencemos à América Latina, ocupamos e nos movimentamos nesse ambiente; sabemos, pelo menos de uma parte dele, quais suas características referentes a urbanização, espaço rural, paisagens, cultura,... A América Latina é um conteúdo que trata do dia a dia, do idioma que se ouve e fala, da vestimenta que se usa, do território ao qual se pertence e das culturas - tão diferentes e tão parecidas - que são lidas como latinas. Esse conhecimento empírico agrega ao menos uma

³ Esse termo não se refere às escalas da cartografia, e sim aos conceitos de região, lugar, território e paisagem. Não há uma nomenclatura única para abrangência desses termos, e por vezes são tidos como: categorias da Geografia, conceitos da Geografia, escalas conceituais, escalas geográficas ou ainda escalas de análise geográficas, termo do qual me apropriei na elaboração deste trabalho.

fração dessa enorme região (ou território) que praticamente inclui todos os países do continente americano.

3.1 REGIÃO E TERRITÓRIO

Dentre as escalas de análise geográficas, irei abordar a América Latina sob o olhar de duas: região e território. A conceituação de região me parece mais múltipla que todas as demais escalas de análise; enquanto o lugar, a paisagem e o território têm uma maior homogeneidade na sua concepção teórica, a região aparenta agregar mais possibilidades; talvez pela determinação de uma região se dar a critério de quem a concebe. Hartshorne⁴ traz uma colocação pertinente a essa função do/a pesquisador/a ao atribuir à determinado espaço o conceito de região: “Uma região é uma área de localização específica, de um certo modo distinta de outras áreas, estendendo-se até onde alcance esta distinção. A natureza da distinção é determinada pelo pesquisador que empregar o termo.” (HARTSHORNE, 1966, p. 138)

Na América Latina, há uma generalização de certas características – a distinção sob certos critérios estendeu-se até onde foi válido. Um exemplo é não ser em todos os países latinos que se têm idiomas oficiais de origem latina. A entrada de Granada, Barbados, Trinidad e Tobago, etc, nessa região passa a se dar em função do fator desenvolvimentista, econômico.

Não tratamos aqui, portanto, de uma regionalização absoluta e homogênea, e sim de uma regionalização que se deu sob certos critérios em busca de uma diferenciação que dividiu o continente Americano, basicamente, em uma parte abrangendo a América do Norte e outra comportando as do Centro e Sul. Ou seja, a:

Região, portanto, não é um recorte geográfico qualquer, não é um território em sentido amplo (mas sim um determinado tipo de território) e também não é uma escala intranacional qualquer, pois para que a região exista é necessário que o território que a constitui seja a base concreta, produto e condicionante de uma desigualdade econômica (tem um papel distinto na divisão inter-regional do trabalho) e uma especificidade político-cultural fundamentada em fenômenos concretos, muito variáveis em intensidade, mas em geral estreitamente associados: o regionalismo político e a identidade regional (HAESBAERT, 1997, p. 52).

⁴ Um dos pioneiros a estudar região e evidenciar o quanto o entendimento de região é flexível por esta estar na dependência dos critérios de quem a estabelece.

Destaco nessa fala de Haesbaert a colocação de que a “região é também um determinado tipo de território” em função da ideia de que as escalas geográficas se sobrepõem, não se anulam. A América Latina é região enquanto critérios permitem que o/a pesquisador/a determine que seja, e é também território em função de relações de poder e a noção de identidade e pertencimento. Essas características do território se aclaram nesta colocação de Haesbaert:

O território não deve ser visto nem simplesmente como um objeto em sua materialidade, nem como um mero recurso analítico elaborado pelo pesquisador. Assim como não é algo dado, presente de forma inexorável na nossa vida, também não é mera invenção, seja como instrumento de análise dos estudiosos, seja como parte da “imaginação geográfica” dos indivíduos (2003, p. 13).

A sua estruturação não é como o processo de regionalização: não é elaborado por um pesquisador, suas fronteiras não são fixas, pois envolvem relações de poder, e é complexo por não ser uma estrutura apenas física, estrutural, mas sim algo que diz respeito também a uma noção de posse e reconhecimento. Em sala de aula a compreensão de território não pode findar-se ao trabalharmos a questão do “território nacional”. Assim, uma escala que envolve diversas concepções para ser o que é acaba reduzida a apenas um sinônimo de país e termos como “territórios quilombola” trazem um estranhamento grande, pois os estudantes apenas compreendem o território na concepção de Estado; é uma visão limitada, e a América Latina pode facilmente entrar nesse contexto para proporcionar uma ponte que leva ao desenvolvimento da escala de território como algo mais amplo e complexo.

Levando em conta a ligação identitária entre o sujeito e o território, temos em vista o viés cultural de um povo que se conecta com o espaço que ocupa, os laços que são formados nessa construção. Frente a questão da identidade entrelaçada com o território, coloca Henriques que

Não é possível esquecer que a identidade é estruturalmente etnocêntrica: o indivíduo é o que é ou o que pretende ser devido à sua integração num grupo, instalado num território próprio, que se define não só pela sua estrutura específica, mas pela diferença que o separa do outro (2003, p. 5).

Em função disso vou me referir a América Latina ora como região, ora como território, pois ambas as escalas são válidas para nos referirmos a ela.

3.2 LEGITIMAÇÃO DE UMA SUPOSTA INFERIORIDADE

Sendo o continente americano uma área de invasão e colonização, a história da América acaba tendo como foco a conquista sobre os povos autóctones, e o desenrolar da história a partir desse momento, mas não a história do pré-europeu. Antes da ocupação e exploração, havia uma área com diversos territórios, povos, seus meios de vida e suas disputas. “O território conhecido hoje como América apresentava, às vésperas da conquista, uma grande heterogeneidade em termos de organização socioeconômica. Existiam desde tribos nômades dispersas até grandes impérios organizados” (WASSERMAN, 2003, p. 20).

Conflitos já estabelecidos, principalmente em se tratando dos grandes impérios, facilitaram a penetração europeia, visto que esses conflitos étnicos e até fraternais, como no caso dos Incas, ocorriam concomitantemente à chegada dos Europeus. Houve resistência, naturalmente, porém entre as doenças às quais os povos autóctones não tinham imunidade e as armas de fogo europeias, apenas se retardou o que seria - e foi - inevitável. A América foi colonizada, e o espaço geográfico dela passou a se consolidar sob um ponto de vista europeu. A cada território indígena conquistado, uma área maior do continente cedia a outras formas de se ocupar e administrar o espaço, a uma modificação dos territórios americanos.

As implicações que seguiram concernem à estruturação da América, tanto dos fixos quanto dos fluxos. Desde a urbanização tendo como seu ponto focal o litoral para escoamento da exploração de recursos naturais, passando pelo escravismo tanto dos povos autóctones, como de imigrantes forçados e situações não apenas de genocídio, mas também de etnocídio, são acontecimentos que direcionaram o rumo da história da construção e constituição do continente Americano.

Hoje podem-se perceber as consequências, como em relação à diferente quantidade de pessoas indígenas sobreviventes nos países americanos, situação relacionada ao próprio modo de vida das sociedades autóctones: das populações nômades e das grandes civilizações. Wasserman comenta essa questão quando, ao tratar das grandes antigas civilizações americanas, coloca que:

As sociedades em estudo apresentavam um alto grau de hierarquização e podem, *grosso modo*, ser divididas em dois grupos: uma elite com funções administrativas, religiosas e de chefia militar e a massa camponesa. Tal

hierarquia também ajuda a explicar a relativa facilidade dos conquistadores espanhóis em dominar estas regiões, se comparada, por exemplo, com a submissão de algumas tribos nômades (como os araucanos do Chile). A subordinação das elites dirigentes de Tenochtitlán e de Cusco pelos espanhóis implicou na fragmentação e na desorganização da Confederação Asteca e do Império Inca (2003, p. 22).

A conquista de uma grande civilização tem como fator importante a remoção do poder dos líderes. A resignação da população das classes mais baixas, comumente povos não guerreiros e já inseridos em um contexto hierárquico se mostra mais simples do que a busca por submissão dos povos nômades, tipicamente guerreiros e inseridos em comunidades mais horizontais, sem relações de subordinação. A essas populações o desfecho costumava ser a morte após capturas ou durante combates.

O processo de ocupação e exploração tem como uma de suas estratégias a aceitação e legitimação pelas populações colonizadas da situação exploratória que se desenvolve, e um exemplo do desenrolar da desvalorização de um sujeito com relação a outro é um dos pontos com os quais trabalha Ugarte no livro *La Nación Latinoamericana*, situação exemplificada na citação que segue:

Al hispanoamericano le corresponde siempre el papel antipático o envilecedor, mientras se acumulan todas las virtudes sobre el héroe del norte. Con ayuda de la admiración que levantan en el público los personajes episódicos, se ancla en el criterio de la juventud el sofisma de una inferioridad irremediable que justifica la tutoría de otra raza mejor dotada cuyos fastuosos progresos, cuyas proezas magníficas, penetran en forma de imagen hasta el corazón (2010, p. 273).

Não é algo do qual não se dá conta com facilidade, pois é uma inferiorização internalizada e que cabe dentro de um processo de décadas e séculos. Em dado ponto, ela não parte mais apenas dos colonizadores, mas dos colonizados. É a ideia de uma inferioridade inerte aos aqui nascidos frente a uma também inerte superioridade europeia. São ideias reproduzidas nas mídias visuais, na literatura, na escola.

“[...] Bien sabemos todos en qué consiste la civilización que se lleva a las colonias. Los progresos que se implantan sólo son útiles a menudo para la raza dominadora. Se enseña a leer los indígenas, porque ello puede facilitar algunas de las tareas que el ocupante les impone. Pero la instrucción se limita siempre a lo superficialmente necesario” (UGARTE, 2010, p. 88).

A fala de Ugarte acima, levando em conta os povos indígenas no início da colonização, permite alargar o pensamento desde esse momento passado até seus reflexos no contexto atual pós-colonialismo. Essa situação atingiu eventualmente imigrantes da América Latina, voluntários ou forçados. A época que retrata o autor é a de centenas de anos atrás, mas a lógica dela não se quebrou. Se instrui o mínimo necessário para que a pessoa tenha autonomia para exercer uma tarefa, porém o ensino não vai além. Tendo em vista o Brasil, até hoje temos uma educação “do mínimo necessário” sendo implantada. Não se aprende muito, acomoda-se com os poucos conhecimentos necessários para realizar tarefas no mercado de trabalho, e por aí se encerra a aquisição de conhecimentos.

Apesar do grande enfoque sob as populações indígenas, o qual instigo em função do seu constante apagamento, destaco aqui também a forte presença de população negra neste continente. População trazida à força na promoção do escravismo, visto que para esse tipo de exploração, os indígenas morriam antes de os colonizadores os considerarem úteis. As situações hediondas às quais foram expostos os povos africanos e depois, como foram largados quando o escravismo passou a ser ilegal são uma marca muito forte da determinação de como se constitui a América frente às suas desigualdades étnicas.

Temos de ter em vista séculos de progressão na construção dessas relações coloniais, séculos de marginalização e de reforço em estereótipos. Se alguns indígenas lutaram fortemente contra o escravismo, são preguiçosos que não gostam de trabalhar, se ao perder as terras sagradas e as tradições se sentem perdidos e tornam-se alcoólatras, todos os indígenas assim o são. À população negra sobrou a periferia, um fenótipo supostamente feio, um cabelo supostamente ruim e o encarceramento. A fala de Chimamanda Adichie a seguir aprofunda a questão dos estereótipos reducionistas e de o apagamento da complexidade de um povo sob uma história única.

É assim que se cria uma história única: mostra-se um povo como uma coisa, como uma só coisa, vezes sem conta, e é nisso que ele se torna. É impossível falar sobre a história única sem falar do poder. Há uma palavra, uma palavra malvada, em que penso, sempre que penso na estrutura do poder no mundo. É "nkali". É um substantivo que se pode traduzir por "ser maior do que outro". Tal como os nossos mundos econômico e político, as histórias também se definem pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes

do poder. O poder é a capacidade de contar a história de outra pessoa, tornando-a a história definitiva dessa pessoa (Informação verbal ⁵).

Nesse discurso fica clara a importância de um espaço para promoção de diversos pontos de vida sobre uma população, a importância de um “palco” para reprodução das complexidades que envolvem os diferentes povos do mundo.

Pensando nisso, o ensino de América Latina a estudantes latinos deixa de comportar apenas um aspecto conteudista (físico, econômico, etc) e passa a tanger a autoestima e a busca pela quebra da suposta inferioridade inerte e imutável. É como coloca Costella:

Eu reaprendi o que aprendi para poder ensinar meu aluno a aprender. Assim, o professor tem algo a mais que aplicar, o professor precisa incessantemente estudar como ensinar, pois suas memórias de como aprendeu foram apagadas com o tempo e o que fica em nossos pensamentos é a síntese do que aprendemos (2017, p. 178).

Como professores devemos nos reinventar. Reinventar os fatos prontos dos livros e a nossa fala de Geografia construída em ambiente acadêmico, que não tem espaço dentro da sala de aula. Tem de haver uma busca por não aceitação e naturalização das problemáticas do espaço latino americano, uma busca frente ao entendimento de que merecemos mais e melhor: não estamos fadados à pobreza, à miséria. A não aceitação da situação vigente promove mudanças, enquanto o conformismo mantém as nossas estruturas desestruturadas. A educação tem de ser libertadora, e em termos de América Latina o desatar das amarras da conformidade implica na necessidade de que se valorize e preze por esse território.

⁵ Fala de Chimamanda Ngozi Adichie: *O perigo da história única*, para o evento TED Talks em 2009.

4. O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Por trás dessas questões tratadas, há documentos e leis que regem os princípios da educação no Brasil.

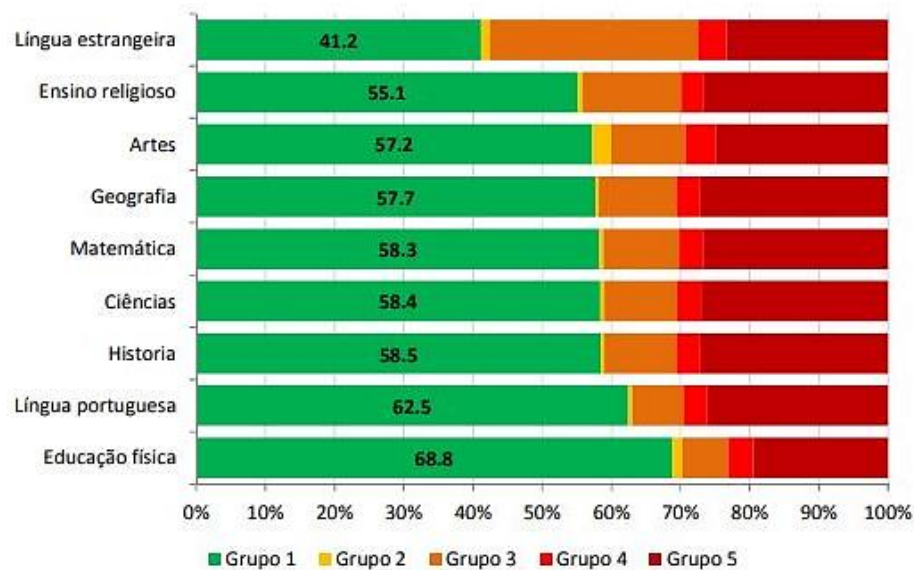
O Plano Nacional de Educação - PNE é um documento que rege vinte metas a serem atingidas na educação brasileira e seu período de vigência é de dez anos. Em Junho de 2014 foi sancionada a lei número 13.005 que aprovou o Plano Nacional de Educação em vigor até 2024. Nela estão listadas e discriminadas metas e estratégias para que se alcance o proposto por essa lei. Esse Plano já está em fase de renovação, não sendo um documento recentemente concebido. O primeiro Plano Nacional de Educação

foi elaborado pelo Conselho Federal de Educação somente em 1962, como cumprimento do estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases, de 1961. Na primeira parte do referido plano, o documento procurou traçar as metas para um Plano Nacional de Educação e, numa segunda parte, estabelecer as normas para aplicação dos recursos correspondentes aos Fundos do Ensino Primário, do Ensino Médio e do Ensino Superior (SAVIANI, 1998, p. 78).

Uma das adequações previstas é quanto a formação docente, mais especificamente na meta 15; isso porque há desacordos quanto a área de graduação e atuação dos profissionais da educação, ausência de graduação no ensino superior ou ausência de especialização na educação - o caso dos bacharéis que têm formação na disciplina adequada, porém não têm qualquer conhecimento pedagógico.

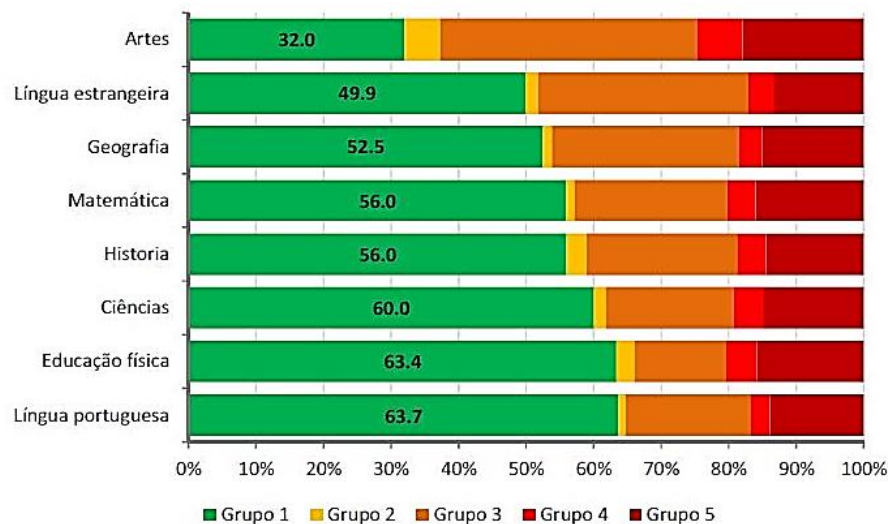
De acordo com o Censo Escolar de 2016, dos professores que se encontram lecionando Geografia, 57,7% têm graduação nessa área e em licenciatura nas séries iniciais do fundamental, e essa porcentagem cai para 52,5% nas séries finais. Dentre nove disciplinas, sendo elas Língua Estrangeira, Artes, Ensino Religioso, Geografia, Matemática, Português, Educação Física, História e Ciências, Geografia é a quarta disciplina com a porcentagem mais baixa de professores qualificados para exercer a docência nas séries iniciais, e a terceira mais baixa nas séries finais. Os gráficos 1 e 2 a seguir apontam esses dados no ensino fundamental:

Gráfico 1 - Indicador de Adequação da Formação Docente dos anos iniciais do ensino fundamental por disciplina ⁶.



Fonte: Censo Escolar Da Educação Básica, 2016.

Gráfico 2 - Indicador de Adequação da Formação Docente dos anos finais do ensino fundamental por disciplina.



Fonte: Censo Escolar Da Educação Básica, 2016.

⁶ Grupo 1 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona; Grupo 2 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de bacharelado (sem complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona; Grupo 3 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) em área diferente daquela que leciona; Grupo 4 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior não considerada nas categorias; Grupo 5 - Percentual de disciplinas que são ministradas por professores sem formação superior (BRASIL. Ministério da Educação. INEP. Censo Escolar Da Educação Básica 2016).

Dentre as metas do PNE, neste trabalho dou enfoque à questão da formação docente tendo em vista a dependência do livro didático acarretada pelo desconhecimento (ou da Geografia, ou da didática geográfica). Nos diferentes grupos considerados pelo gráfico, temos situações diversas quanto ao uso que se dá aos livros: o professor graduado como bacharel de Geografia tem um domínio dos conteúdos, mas não de como ensiná-los. Alguém com licenciatura em outra área sabe ensinar, mas não a Geografia. Então a maneira como esses profissionais enxergam o livro muda de acordo com a carga de estudo que esses professores carregam consigo do ensino superior.

Sendo assim, não apenas importa o que traz o livro em termos de textos escritos e gráficos, mas também a disposição desses conteúdos. A liberdade de trabalhar o capítulo 8 antes do 3 se dá um/a professor/a que tem uma formação pedagógica que permita que se proponha essa suposta desordem; há uma organização e justificativa do porquê, há um objetivo com essa abordagem; talvez se queira trabalhar uma escala local antes de global, ou os conteúdos dos capítulos finais sejam considerados de maior importância pelo/a professor/a do que os capítulos iniciais. São escolhas guiadas pelo conhecimento das estruturas conteudistas das outras etapas do fundamental, pelas propostas didáticas, pelos planos de ensino que determinam o que e como se vai ensinar. É uma autonomia possível a quem domina a disciplina. Em outro caso, a liberdade que o/a professor/a se dá nesse sentido é podada. Busca-se a segurança de seguir as ordens, exercícios, propostas pedagógicas trazidas prontas pelo livro didático.

O documento atual que rege os conteúdos de cada disciplina do Ensino Fundamental a serem trabalhados é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC do Ensino Fundamental foi desenvolvida ao longo de anos, tendo 3 versões de seu texto ao longo do período de elaboração. Não é a primeira vez que um documento orientando a elaboração dos currículos é produzido, ela veio para substituir os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN's publicados no ano de 1998.

O *site* da Base esclarece o porquê de ter se desenvolvido esse documento

(...) A Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica (BRASIL, 2018).

Sendo os livros analisados do ano de 2017, ainda não há acordo com a Base. Esse documento é aqui trazido tendo em vista um panorama futuro da organização do ensino que se estima alcançar no oitavo ano do ensino fundamental. Não é obrigação destes livros analisados, nesse momento, o de cumprir com as propostas da BNCC. Esse documento vem fazer parte dessa monografia tendo em vista o futuro do PNLD e a possibilidade de, desde já, a literatura examinada estar de acordo com esse documento.

O *download* da Base do ensino fundamental é livre, e pode ser feito tanto por inteiro, quanto em recortes especificando disciplinas e ciclos do fundamental. Para o 8º ano em Geografia, nos deparamos com cinco unidades temáticas. São seus títulos: *O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Mundo do trabalho, Formas de representação e pensamento espacial e Natureza, ambientes e qualidade de vida*. Estas se ramificam em vinte e quatro Objetos de Conhecimento que, por sua vez, são detalhados sob o título de Habilidades. Temos então três níveis de especificidade dos conteúdos da Geografia no oitavo ano.

Dentre as descrições dos Objetos de Conhecimento e das Habilidades, a América Latina é citada como instância específica a ser abrangida dezesseis vezes. Segundo a proposta na BNCC, os estudos partiriam de uma escala variável entre o global e local, fazendo pontes entre a realidade dos alunos e o âmbito mundial do assunto tratado.

O ciclo do 8º ano envolve principalmente o continente Americano como um todo, e, de acordo com a BNCC, metade dele concerne ao detalhamento da região histórico, cultural e linguística na qual estamos inseridos.

5. AS PÁGINAS ABERTAS DOS LIVROS DIDÁTICOS

Apesar de, como já mencionei anteriormente, o livro didático ter demorado a entrar sob os holofotes deste trabalho, a escolha de trabalhar com ele pareceu ser o encaixe que eu precisava para formar a ponte com América Latina no contexto escolar. Me cercavam perguntas como: que entendimento recebe o território ao qual pertencemos? O que é o continente latino, segundo as obras analisadas? Quanta importância recebe essa temática em meio aos demais conteúdos a serem trabalhados ao longo do oitavo ano? Esses questionamentos iniciais me moveram a realizar esta pesquisa. Sendo os livros didáticos objetos tidos como fonte de conhecimento na escola, busquei então averiguar quais eram esses conhecimentos trazidos.

Para resolver essas problemáticas vou realizar uma leitura de três livros didáticos selecionados dentre os onze aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD para a disciplina de Geografia. A análise feita irá envolver a questão estrutural deles e as linguagens usadas (escrita e gráfica), e os principais enfoques que essas obras têm na seleção e propostas de abordagem às temáticas latino-americanas a serem trabalhadas. Quanto ao recorte, trabalhei apenas com livros do 8º ano do ensino fundamental em função do tema América Latina ser tradicionalmente (e agora de maneira ratificada BNCC) um conteúdo trazido nesse ano do Ensino Fundamental. É nesse ano que a América Latina deveria ser estudada de modo mais pontual, com maior destaque.

O PNLD de 2017 aprovou 11 coleções de livros de Geografia a serem distribuídos às escolas brasileiras. Esses livros não têm uma distribuição equilibrada, equânime, tendo alguns um número consideravelmente maior de escolhas, fazendo com que, conseqüentemente, também maior seja sua presença nas salas de aula. O critério de seleção dos três livros aqui trazidos se deu pela disponibilidade - foram os livros aos quais eu consegui fácil acesso. As obras se encontram ilustradas na tabela a seguir:

Tabela 1. Livros analisados aprovados pelo PNLD 2017.

Título	Autor/a	Editora	Ano	Edição
Vontade de Saber	Neiva Camargo Torrezani	FTD	2015	2 ^a
Homem e espaço	Anselmo Lazaro Branco e Elian Alabi Lucci	Saraiva	2015	27 ^a
Expedições Geográficas	Melhem Adas e Sergio Adas	Moderna	2015	2 ^a

Organização: Elaborado pela autora, 2018.

Em termos de popularidade, *Expedições Geográficas* foi o título mais distribuído: quase o dobro de exemplares com relação ao segundo livro com maior quantia de exemplares enviados a todo o país, o *Vontade de Saber*. A terceira obra, *Homem e Espaço*, é a quarta mais distribuída. Não surpreende, então, que tenham sido os livros aos quais consegui acesso. 3.381.582 é o número de exemplares de *Expedições Geográficas* que circulam nas mãos dos alunos, contra 1.719.260 e 1.081.46 exemplares do *Vontade de Saber* e *Homem e Espaço*, respectivamente.

Essas 3 coleções não são novas, foram elaboradas e apenas reeditadas. Isso evidencia o quantos esses livros didáticos permaneceram estáticos, em especial *Homem e Espaço*, na sua 27^a edição. Comecei a leitura desses livros pelo índice, pela organização dos capítulos ou unidades e seus títulos. Ou seja: comecei pela estruturação das obras.

5.1 A ESTRUTURA

Mencionei anteriormente o livro didático ser uma obra arquitetônica. Aqui vou explorar melhor essa ideia, analisando as colunas que sustentam e estruturam os três livros que são trazidos para análise neste trabalho.

O que foi considerado na apuração da organização estrutural das obras foi a distribuição dos conteúdos tratados, o total de capítulos do livro frente ao posicionamento do capítulo de América Latina e a quantidade de páginas designadas a ele, e também uma comparação entre o espaço cedido à problemática da América Latina versus a América Anglo-Saxônica (considerando como relevante essa comparação em função da diferença de extensão territorial e a quantia de países que

cada região comporta). A estrutura do sumário das coleções pode ser vista na tabela a seguir:

Tabela 2. Perfil estrutural dos livros analisados

Título	Tipo de repartição do índice	Total de unidades e capítulos	Posição da América Latina
Vontade de Saber	Capítulos	8	Capítulo 6
Homem e Espaço	Unidades e capítulos	6 unidades contendo 16 capítulos	Unidade 6
Expedições geográficas	Unidades e percursos ⁷	8 unidades contendo 32 percursos	Unidades 5, 6, 7 e 8

Organização: Elaborado pela autora, 2018.

Em todos os livros ao menos em outro momento a América Latina é trabalhada fora sua unidade ou capítulo próprios (comumente na discussão geral de América), porém, os específicos à discussão de América Latina como enfoque são o capítulo 6 no *Vontade de Saber* e a unidade 6 no *Homem e Espaço*.

O livro *Expedições Geográficas* não tem nenhuma unidade com o título América Latina, essa nomenclatura aparece nos percursos 17 e 30, respectivamente nas chamadas: *As maiores economias da América Latina* e *O pan-americanismo dos Estados Unidos e a América Latina*. Já no percurso 29 o termo “latino americanos” é trazido no subtítulo *A formação dos Estados latino-americanos*. Apesar da ausência de destaque do nome América Latina no sumário no *Expedições Geográficas*, desde a unidade 5 até a 8 trabalha-se com os países que a compõem. Em termos de detalhamento, é o livro que discute mais países latino-americanos: 139 páginas são dedicadas a essas nações. Em *Vontade do Saber* são 33 páginas designadas ao capítulo específico de América Latina, e em *Homem e Espaço*, 51.

Quanto ao espaço voltado a América Anglo Saxônica, O único livro que traz essa nomenclatura é o *Vontade de Saber*, no seu 5º Capítulo. *Homem e Espaço* na Unidade 5 usa o título *Estados Unidos e Canadá* e *Expedições Geográficas* trabalha

⁷ Optei por manter a linguagem trazida nos livros. Os percursos do *Expedições Geográficas* têm a mesma característica dos capítulos do livro *Homem e Espaço*.

com esses dois países na unidade 4, chamada *América, países desenvolvidos*. Essas sessões particulares resultam em um total de 37, 41 e 39 páginas, respectivamente. A tabela 3 ilustra a sintetização dessa comparação:

Tabela 3. Comparação entre o espaço cedido às Américas

Título	América Latina	América Anglo-Saxônica
Vontade de Saber	33	37
Homem e Espaço	51	41
Expedições geográficas	139	39

Organização: Elaborado pela autora, 2018.

A leitura desses livros vai proporcionar a avaliação de como e quanto se fez com esse espaço, mas apenas pensando na estrutura dos capítulos e unidades, fica clara a diferença entre a proposta de estruturação dos sumários, o quão diferentes foram as abordagens dos autores ao conceber como mostrar a América Latina.

5.2 OS DIZERES E AS GRAFIAS

A partir deste título vamos entrar mais a fundo nessas unidades e capítulos, averiguando quais são as principais características de cada uma dessas obras. O Guia Digital do PNLD nos oferece um sumário de cada livro didático aprovado. São parágrafos curtos, uma breve introdução para nos indicar quais são os pontos principais de cada um.

A Coleção **GEOGRAFIA - HOMEM & ESPAÇO** oportuniza desenvolver amplamente os conteúdos voltados às relações sociedade e natureza por meio de encaminhamentos didático-pedagógicos que priorizam a integração dos conhecimentos e a abordagem de temas transversais, buscando valorizar as vivências dos alunos, a linguagem visual e cartográfica. Tem como destaque o tratamento dado às temáticas de sustentabilidade e de legislação ambiental, bem como dos direitos das crianças, adolescentes e idosos. Merece destaque também as seções especiais, tais como *Geografia & Arte* e *Projeto Especial* (Guia Digital PNLD, 2017).

Não há como esses parágrafos não serem genéricos. São livros de em torno de duzentas páginas resumidos em poucas linhas. Porém, o que me chama a atenção quanto a esse exemplar é a proposta das leituras transversais, assim como o enfoque a populações comumente mais vulneráveis, crianças, adolescentes e idosos. Essa leitura me remete a um livro que irá integrar o meio social e físico, vai possibilitar uma sobreposição das camadas – relevo, vegetação, economia, cultura, etc.

Professor, a Coleção **VONTADE DE SABER – GEOGRAFIA** fundamenta-se na abordagem de ensino e aprendizagem em que se prioriza a formação de alunos críticos e reflexivos, tendo como ponto de partida os seus conhecimentos prévios e suas ações no cotidiano. Considera as inter-relações escalares de espaço e de tempo, articulando os conceitos e categorias da Ciência Geográfica: lugar, paisagem, território, região e espaço geográfico. Esta Coleção se destaca pela forma como aborda os conteúdos da relação sociedade-natureza, sugerindo amplas e múltiplas propostas de atividades de ensino, diversidade de fontes, dados e informações, visitas técnicas e trabalho de campo. Permite a aproximação do conhecimento geográfico ao cotidiano do aluno, utilizando a Cartografia como uma importante ferramenta em todos os livros, além de proporcionar uma experiência imagética diversificada, mostrando um espaço geográfico em constante transformação (Guia Digital PNDL, 2017).

Um ponto importante que de certa maneira é destacado no resumo acima é a bagagem que esses alunos trazem desde outras etapas do ensino fundamental. No oitavo ano eles estão encerrando essa fase da educação básica, não estão pela primeira vez se deparando com reflexões, pontes entre o que se mostra na aula e o seu cotidiano. Os focos do *Vontade de Saber* parecem girar em torno da Geografia e suas transformações no espaço – aliando-se ao ensino das escalas geográficas, expressivo uso de mapas e imagens, e um grande enfoque no cotidiano dos estudantes.

A coleção **EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS** destaca uma organização dos conceitos e suas relações com os fenômenos geográficos a partir das manifestações dos elementos naturais, para depois compreender os fatos relacionados à sociedade e à produção do espaço geográfico. Dessa forma, o destaque da Coleção é o impacto das práticas sociais no ambiente natural e essa relação é percebida desde a constituição da estrutura da Coleção até a sistematização de seus temas, conteúdos e assuntos. A Coleção busca destacar textos e referências relativas à problemática ambiental em relação ao espaço geográfico. Nesse sentido, evidencia a transversalidade da temática ambiental sobre a análise dos impactos ambientais na interrelação com a ocupação e a transformação humana, em destaque nas paisagens terrestres (Guia Digital PNDL, 2017).

E, por fim, *Expedições Geográficas* se propõe a correlacionar os fixos e fluxos, principalmente em âmbito da educação ambiental. Tem a premissa de trabalhar bastante com as relações do ser humano com o meio. De acordo com a leitura do parágrafo, parece ser um livro inteiro com enfoque na área ambiental.

As minhas primeiras impressões, sem uma leitura atenta, e sim apenas baseadas em um folhear das páginas, logo evidenciam que *Homem e Espaço* e *Expedições Geográficas* possuem muito mais textos escritos que *Vontade de Saber*; a proposta de expressiva linguagem gráfica trazida pelo resumo desse livro de fato se cumpre. As duas primeiras coleções intercalam a escrita mais extensa com fotos, imagens, gráficos e mapas.

Homem e Espaço: Com a leitura consegui perceber que a organização interna desse livro tem uma característica um pouco diferente dos outros. Aqui se começa a trabalhar com América na unidade 3, e é trabalhado todo o continente em conjunto. Essa unidade tem como enfoque a população, iniciando pelas civilizações e povos autóctones, passando pela colonização, chegando em economia e população sem distinção das regiões americanas. A unidade 4 trata dos aspectos naturais, e novamente todo o continente é trabalhado como um todo.

Na análise estrutural apenas levei em conta o índice, mas com a leitura se fez claro que a América Latina está presente em bem mais que as 51 páginas da premissa inicial. Os outros livros também falam de América num contexto geral, em capítulos em que se trabalha com ela por inteiro, mas essa é a coleção que mais desenvolve a América em termos de população, relevo, vegetação, economia, etc como um todo e não apenas tratando brevemente sobre uma visão geral de América.

Vontade de Saber é o livro que dedicou o menor espaço ao capítulo próprio da América Latina. Assim como nas outras obras, ela não fica restrita àquele espaço, aparece em outros capítulos, principalmente em função da comparação do desenvolvimento econômico global e das questões culturais. Mas dentre as três obras, a América Latina aqui tem claramente um espaço mais restrito.

Expedições geográficas: Esse livro se destacou por trazer um espaço consideravelmente maior aos países da América Latina. Mas não à América Latina em si. Quando é trabalhada a América como um todo, não temos nenhum mapa de Américas Anglo-Saxônica e Latina, e elas apenas são mencionadas dentro de um percurso (equivalente a um capítulo).

A imagem a seguir (figura 1) ilustra uma página de *Expedições Geográficas* em um dos poucos momentos em que neste livro se menciona a América Latina.

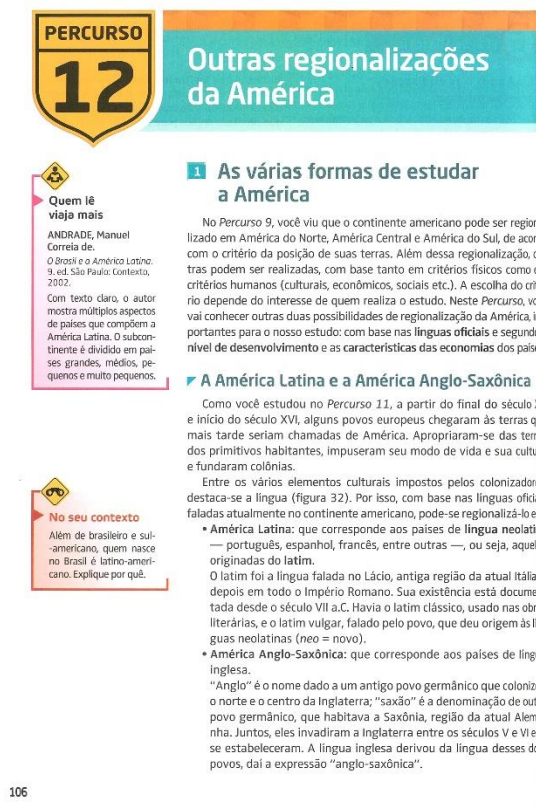


Figura 1 – Percurso 12: Regionalizações da América.
Fonte: *Expedições geográficas*, 2015.

5.1.1 MAPAS

O mapa é uma das formas de linguagem da Geografia. Expressamos conhecimento por meio dele, analisamos dados, espacializamos informações, evidenciamos no mapa informações que parecem soltas ou não organizadas fora dele. O mapa traz uma ordem, uma clareza para a aula de Geografia. É comum os alunos não apresentarem a abstração para localizar um país no mundo sem o auxílio de uma grafia, seja um mapa ou até mesmo um croqui. Nesse momento, portanto, daremos atenção ao uso (ou não) deles dentro das obras.

Em *Homem e Espaço* temos primeiramente na unidade 3 um trabalho geral com América onde são trazidos mapas; ali se localiza o continente no globo e se mostram as Américas do Norte, Central e do Sul, assim como as Latina e Anglo-

Saxônica. Há 3 mapas: um destacando a América no mundo e outros dois com as regionalizações mencionadas, a figura 2 ilustra uma destes mapas.



Figura 2 – Américas Anglo-Saxônica e Latina.
Fonte: Homem e Espaço, 2015.

O livro os utiliza com frequência, eles entram como complemento dos textos. Não observei no livro mapas propondo leituras, ou seja: mapas passíveis de gerar outras interpretações. São ótimos em ilustrar os textos, localizar as falas. Mas não têm uma função investigativa dentro dos capítulos.

Vontade de Saber é uma coleção que prometeu usar com abundância a linguagem gráfica e a minha leitura permitiu que isso se comprovasse verdadeiro. Em termos de mapas, são diversos, mas seguem a linha apresentada em *Homem & Espaço*: são elucidativos, claros, complementam as ideias tratadas. Mas em si não são tão abertos a leitura, eu senti falta de mais cartografia temática, com seus dizeres e suas ausências, a riqueza que se pode descobrir com os dados apresentados nesse tipo de cartografia.

Nessa coleção houve o destaque ao território latino americano, inclusive às ilhas caribenhas, que em todas as obras não foram trabalhadas em detrimento a um maior destaque principalmente aos países da América do Sul e México. Segue a figura

4 retratando a representação cartográfica da América Latina na abertura do seu capítulo específico.

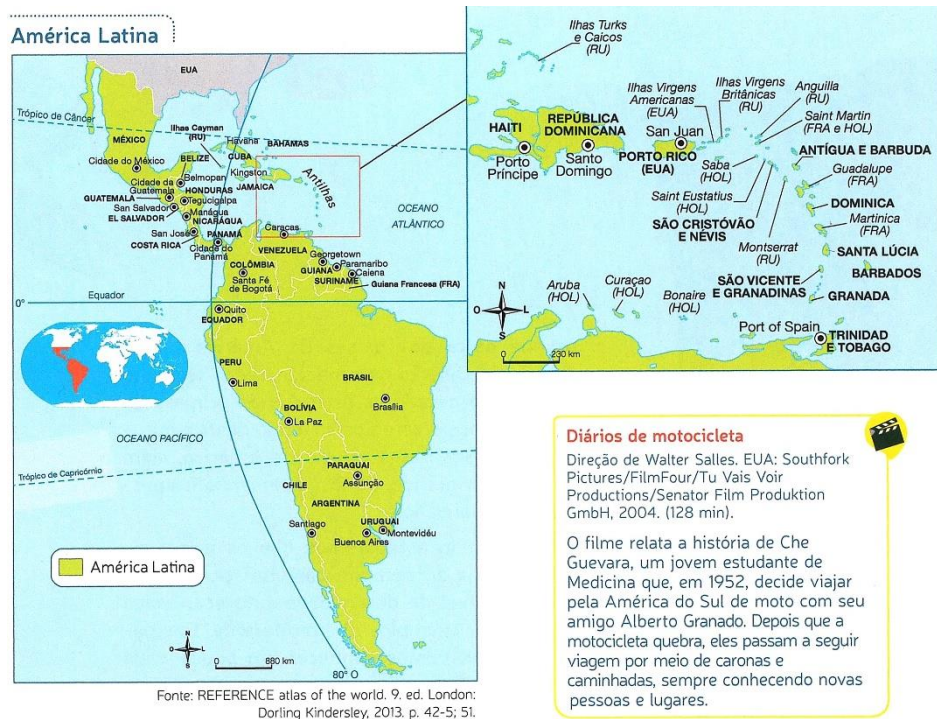


Figura 4 – Países que compõem a América Latina.
 Fonte: Vontade de Saber, 2015.

No livro *Expedições Geográficas* não havia um mapa com as divisões de América Latina e Anglo-Saxônica. Essa regionalização simplesmente não apareceu visualmente. É um livro com uma quantidade de mapas grande, principalmente das nações que estão sendo trabalhadas. Retomo uma questão que foi apontada em estrutura: nenhuma das unidades tem no título *América Latina*. A Unidade 4 concerne a *América: países desenvolvidos*, e os títulos das demais unidades, respectivamente são; *América: países emergentes*; *América: economias de base mineral*; *América economias de base agropecuária*; *América: projetos de integração*. Num geral não senti falta de mapas nesse livro, porém chama atenção como essa coleção trabalha com outras regionalizações da América Latina sem mencioná-la como um todo. O mais próximo que chegamos disso foi com o mapa apresentado a seguir pela figura 3, o qual tematiza o PIB.



Figura 3 - Mapa do PIB da América Latina.
Fonte: Expedições Geográficas, 2015.

O que vi de positivo foi a promoção de análise de mapas na sessão especial “atividades dos percursos”, onde a interpretação desses mapas se fez presente.

Esse é o livro que, de fato, mais explora o território latino, mas não o trata e não o mostra como latino. Uma das minhas aprendizagens em sala de aula é que repetir nunca é demais. E é aconselhado escrever no quadro, para garantir. Adolescentes são dispersos, têm muitas coisas nas quais querem prestar atenção. Se a unidade 3 já mencionou que existe a regionalização das Américas, por exemplo, isso está longe de ser o suficiente para que na unidade 7 eles retomem essa regionalização por conta. A proposta de estudo da América Latina se mostrou desconexa, não houve uma ligação entre o continente americano e o território latino.

5.1.2 AMÉRICA ANTES DA COLONIZAÇÃO

Considero fundamental trabalhar com a América antes do Américo, antes da invasão e colonização, primeiramente para não haver ainda mais apagamento dos povos autóctones, reforçando o alcance do etnocídio e genocídio dessas populações, e segundo porque uma história contada pela metade não permite que se perceba a

complexidade do que existiu previamente à chegada dos europeus: a organização dos territórios, as guerras, o comércio, as culturas, etnias, idiomas, etc.

Parece que a América, antes de ser chamada dessa forma, não tinha populações completamente distintas umas das outras, se conta uma história única dos indígenas americanos; uma história de derrota e submissão. Uma história que inferioriza e não vai além disso. O espaço dedicado a essa problemática nas coleções foi bem diferente entre elas.

Em *Homem e Espaço* esse tema começa a ser tratado na unidade 3, agregando na discussão todo o continente americano. Ali se explica sobre a origem das duas Américas e sobre as exceções de países que estão na América Latina, mas onde não se falam idiomas de origem latina, trazendo então a justificativa econômica para explicar a inserção deles dentro dela. Fala-se também sobre as duas colonizações: de exploração e ocupação (ou povoamento), e é só então que entram em cena os primeiros habitantes da América, com destaque às grandes civilizações (Incas, Maias e Astecas), e civilizações amazônicas e sua construção de geoglifos. Há páginas específicas para tratar das 3 maiores civilizações autóctones do continente.

A seguir, temos um mapa trazidos pela figura 6. O mapa retrata a extensão dos territórios das grandes civilizações americanas.



Figura 6 – Impérios americanos prévios à colonização.

Fonte: Homem e Espaço, 2015.

Vontade de Saber. Uma página é dedicada ao momento antes e durante colonização da América Latina; ela traz um mapa que denomina os principais grupos indígenas da América do Sul e destaca os territórios Inca, Maia e Asteca. Após a introdução pré-colonizadores falando do modo de vida das populações autóctones, entram em cena os espanhóis e portugueses. Fala-se do trabalho forçado, da exploração de matérias-primas e de genocídio. Os dois momentos tratados são explicados nessa página e apenas nela. Na sessão *Geografia em Foco* Machu Picchu entra em destaque. Sendo o capítulo tão curto, não houve maior elaboração sobre o tema. Ao contrário das demais obras, a América Latina nessa coleção ficou mais atrelada apenas ao próprio capítulo, então o espaço de discussão foi mais restrito.

Pode-se ver o mapa intitulado “Os povos pré-colombianos” ilustrado pela Figura 5 a seguir:



Figura 5 – Mapa com principais grupos indígenas da América do Sul e grandes civilizações americanas. Fonte: *Vontade de Saber*, 2015..

Expedições Geográficas: assim como a coleção anterior, houve um espaço maior que em *Vontade de Saber* dedicado a América pré-colombiana. Um mapa que tomou duas páginas retrata principais grupos ameríndios do continente e pequenos parágrafos relatam principais características deles. A história é tratada nos momentos pré e durante a colonização.

A seguir, vemos um croqui na figura 7, onde se destacam sítios arqueológicos peruanos.

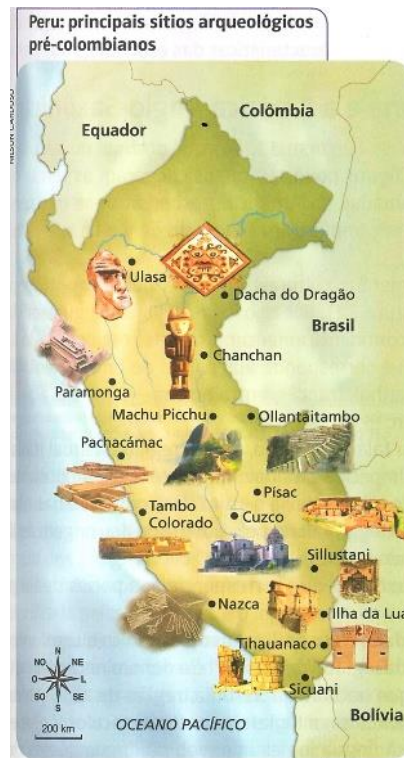


Figura 7 – Sítios arqueológicos peruanos.
 Fonte: Expedições Geográficas, 2015.

5.1.3 ASPECTOS NATURAIS

Minha expectativa quando a esse tema não visava uma integração entre as ditas geografia física e humana. A própria categorização da minha análise dos livros já revela o quão fragmentados estão os conteúdos dentro das obras. Porém, iniciei essa leitura buscando ao menos uma integração dentre os aspectos físicos ou naturais da América Latina, pois eles, de certa maneira, justificam o outro: o relevo dita para onde correrão os rios, se estes serão navegáveis ou não, com diversos meandros ou não. Logo, fiz a leitura desse tema buscando uma conexão entre seus aspectos.

Homem & Espaço: Reforço que nessa obra são tratados os aspectos naturais da América como um todo, sem considerar propostas de regionalização. Essa abordagem se mostrou muito boa em função das feições naturais não respeitarem fronteiras: a América primeiramente é vista como um espaço que agrega climas,

vegetações, relevos e bacias hidrográficas diferentes. A linguagem gráfica foi bem usada, as fotos, imagens e mapas conversam com os textos.

Vontade de Saber: Logo após a apresentação do território latino americano, a abordagem seguinte trata sobre seus aspectos naturais. O livro fala da extensão latitudinal da América (só que há o erro de estar escrito “longitudinal”) e como isso implica em várias zonas térmicas no nosso continente. Apesar do subtítulo da página ser *o relevo e a hidrografia*, não há uma conexão entre os dois. São mencionadas bacias hidrográficas principais, porém não há uma relação bem construída entre para onde elas correm/onde se formam e o relevo.

A próxima página nos traz 3 fotografias, mostrando: “Cadeias de montanhas do Oeste”, “Planícies Centrais” e “Planaltos do Leste”. Pensei que aqui ocorreria então a relação com a hidrografia, mas os textos mencionavam a sua formação em tempo geológico e os nomes de algumas formas de relevo principais da América. Segue, na figura 8, um registro da página em questão:

Na América Latina predominam três principais formas de relevo: as cadeias de montanhas do oeste, as planícies das áreas centrais e os planaltos do leste.



Figura 8 – As principais formas de relevo da América.
Fonte: Vontade de Saber, 2015.

Essa página serve como um retrato do que comumente encontramos em *Vontade de Saber*: poucos textos escritos frente a um maior destaque a imagens.

Em *Expedições Geográficas* os aspectos naturais são apresentados como em *Homem e Espaço*: na unidade 3, voltada a todo o continente americano. Mais tarde, ao longo dos capítulos 5, 6, 7 e 8, quando os “países emergentes” são detalhados, também há uma particularização mais pontual dos aspectos naturais daquelas nações.

Esse tema é tratado com muitos dados numéricos, são passadas aos estudantes diversas nomenclaturas de formas de relevo, montes, planaltos, planícies, etc, sem que se entrasse muito no contexto das diferenças que isso implica no espaço, quais são os impactos e as consequências desses aspectos físicos para quem vive no entorno, para o tipo de vegetação, hidrografia que será característica dali. Cada aspecto físico ou natural tratado está em uma caixinha, e é quase como se eles não coexistissem.

Nenhuma das obras quebra a separação entre aspectos naturais e a população que vive em contato e em função deles. Tanto por isso a fragmentação da minha análise: não é por acaso que ela se tornou fragmentada, isso seguiu de acordo com o que me deparei nos livros didáticos.

5.1.4 ECONOMIA E MUNDO DO TRABALHO

Vontade de Saber: Temos um trecho especial dedicado ao Canal do Panamá, o nome desse tipo de adendo que o livro faz é “Geografia em Foco”. A abordagem dessa construção se mostrou interessante, com um texto que focava no que era, qual sua importância, desde quando existe, etc. Entretanto, o parágrafo final foi redigido de maneira passível de trazer confusão para os alunos que o lerem. Segue o trecho em evidência: “A construção acabou por financiar a independência deste pequeno país centro-americano da Colômbia, que desde então viveu na órbita dos norte-americanos”. (VONTADE DE SABER, 2015, p. 167). Tornou-se ambígua a questão da independência: o Panamá tornou-se independente da Colômbia ou foi o contrário? E depois: quem vive na órbita dos norte-americanos desde então? A Colômbia porque

“perdeu” o Panamá, ou o próprio Panamá foi a nação que se aproximou da América do Norte?

Retomando a colocação de Molina acerca da importância do livro didático em função da comum carga de leitura dos estudantes ser tão pequena fora da sala de aula, mostra-se especialmente importante que a redação dos livros didáticos seja clara e consistente.

Economia recebe o maior espaço do capítulo de América Latina. Se discute a grande diferença do PIB dentre os países que a compõem e as taxas de importação de produtos da indústria primária e secundária (nesses textos e nos gráficos são trazidas nações como exemplo. Um fator em comum entre todas as obras analisadas é sempre mencionar o Brasil, México e Argentina ao falarmos de América Latina, com maior destaque em se tratando da economia).

Essa sessão elabora sobre economia aprofundando a questão como nenhuma outra temática foi aprofundada. A seguir o mapa, figura 9, com os blocos econômicos e uma das páginas da sessão especial, figura 10, que trata da dívida externa latina:



Figura 9 – Blocos econômicos da América Latina. Fonte: Vontade de Saber, 2015.

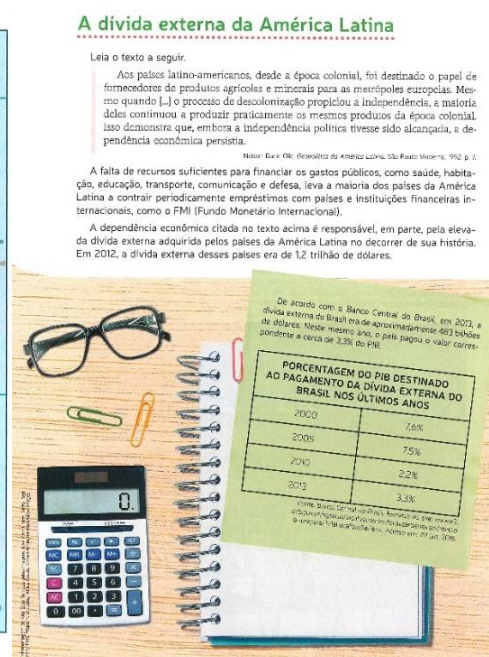


Figura 10 – Página do livro vontade de saber onde se trabalha com a dívida externa da América Latina. Fonte: Vontade de Saber, 2015.

Homem & Espaço: Na unidade 3, temos uma introdução sobre as diferentes situações econômicas que se constituem na América (destacando que apenas na unidade 6 teremos a América Latina como enfoque, nesta etapa do livro trabalha-se

com toda a América). O tema segue a arguição da colonização, e ali é aclarado que não apenas em função dos dois tipos de colonização que se ocorreram diferenças no desenvolvimento econômico, nos trazendo então para uma contextualização atual envolvendo as independências dos países latinos e a questão da contínua exploração que permaneceu ocorrendo neles. Segue na figura 11 uma fotografia da página 92 desse livro, tendo em destaque o título: *América Latina – o subdesenvolvimento no continente americano*.

América Latina – o subdesenvolvimento no continente americano

A divisa entre os Estados Unidos e o México não é apenas a área limítrofe entre esses dois países. É também a divisa entre a América desenvolvida (Anglo-Saxônica), ao norte, e a América subdesenvolvida (Latina), ao sul.

Alguns dos indicadores que revelam a diferença entre essas duas Américas são a taxa de mortalidade infantil e a esperança de vida.

Observe a tabela a seguir.

Duas Américas: população, mortalidade infantil e esperança de vida		
	América Anglo-Saxônica	América Latina
População total - 2013 (em bilhões de habitantes)	361,3	606
Mortalidade infantil - 2012 (%)	6	18
Esperança de vida - 2012 (anos)	79	75

Limítrofe
Que se situa nos limites de uma região.

Fonte: População: Banco Mundial, 2013. Disponível em: www.bancomundial.org. Acesso em: 19 maio 2015.

A maior parte dos países da América Latina está subordinada aos interesses das potências econômicas mundiais — o centro do sistema capitalista —, dependendo fundamentalmente das exportações de matérias-primas agrícolas e minerais, cujos preços no mercado internacional oscilam de acordo com a procura. Além disso, são produtos com baixo valor se comparados aos produzidos nas indústrias, sobretudo aqueles que têm maior conteúdo tecnológico agregado.

Vários desses países, como Bolívia, Haiti, Peru, Nicarágua, El Salvador, Suriname, entre outros, não têm recursos financeiros suficientes para realizar os investimentos necessários nas atividades produtivas e em setores sociais (educação e saúde). Em função disso, dependem de modo expressivo de investimentos externos.

Os países latino-americanos com indústria diversificada apresentam, comparativamente, uma dependência menor em relação aos países centrais do capitalismo. O Brasil se destaca, em termos tecnológicos, em setores como o aeronáutico, o agropecuário e o de extração de petróleo (figura 9).

No entanto, é preciso considerar que a maior parte das exportações industriais de Brasil, Argentina e México, ao final da primeira década do século XXI, ainda era composta de bens de baixo e médio conteúdo tecnológico agregado.

Figura 9. Plataforma de extração de petróleo no Campo Marlim Sul, na Bacia de Campos, a 120 quilômetros da costa do Rio de Janeiro, em 2011. A Petrobras desenvolveu muitas das tecnologias que estão em suas plataformas mais importantes do mundo.



Figura 11 – Página da unidade 3 tratando sobre a economia da América Latina. Fonte: Homem e Espaço, 2015.

No seu capítulo específico, a economia é o primeiro ponto a ser percorrido. As informações que foram passadas de maneira mais superficial na unidade 3 aqui são examinadas com maior profundidade. Recém tendo encerrado a análise no *Vontade de Saber*, é muito marcante o contraste entre a extensão dos textos entre um e outro.

Expedições geográficas: É ao longo das unidades 5, 6, 7 e 8 que se vai trabalhar com as especificidades da economia dos países trabalhados. Os países, ao longo dessas unidades, são divididos em pequenos grupos. Os primeiros a serem tratados são Argentina, Brasil, e México em um contexto geral (industrialização tardia,

crise de 1929, primeira e segunda guerras mundiais). Ao longo das páginas e percursos vemos de maneira pontual alguns países latinos, como o México, Argentina, Equador, Brasil, Chile, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Trinidad e Tobago, Jamaica, Uruguai, Paraguai, Cuba. O enfoque se dá, portanto, principalmente nos países da América do Sul.

Temos detalhadas as nações latinas, dentro de uma proposta de regionalização com critério econômico. Os títulos das regionalizações propostas são: países emergentes (México, Argentina e Brasil); *economias de base mineral* (Venezuela, Trinidad e Tobago, Equador, Chile, Peru, Bolívia, Guiana, Suriname e Jamaica) e *economias de base agropecuária* (Colômbia, Uruguai, Paraguai, América Central e Cuba). Os títulos propuseram uma subdivisão que não se ateve especificamente a proposta implicada; por exemplo, frente a Jamaica não se desenvolveu o conteúdo economia.

Minhas leituras sobre os conteúdos sobre América Latina nos livros didáticos apontaram para uma abordagem economicista e constante comparação com outros países que apresentam melhores condições econômicas. Sobre isso Câmara comenta:

De fato, a utilização usual do conceito de desenvolvimento se dá no sentido de comparação do crescimento econômico (geralmente, do PIB) das diferentes economias, a fim de alcançar os patamares dos países norteadocidentais (desenvolvidos) para, talvez assim, permitir à população dos lugares subdesenvolvidos o acesso aos mesmos padrões de vida percebidos naquelas regiões. E mesmo que diferentes contribuições tenham tentado tornar essa leitura de desenvolvimento mais abrangente –incluindo parâmetros não-econômicos em sua aferição e trazendo à tona o debate sobre a questão da (desigualdade na) distribuição da renda –o fato é que ainda hoje predomina uma leitura economicista sobre o tema, que reduz o significado de desenvolvimento a crescimento econômico. Entendido assim, o desenvolvimento como meta termina por ser uma obrigação dos formuladores das políticas econômicas para os diferentes Estados-nacionais cujos indicadores socioeconômicos os classificam na indesejada posição de subdesenvolvidos (2016, p. 3).

Os termos não sofreram alteração ao longo dos anos. Desde a minha experiência escolar até atualmente o “terceiro mundismo” e o “subdesenvolvimento” são postos em torno da América Latina. Não critico o uso desses termos no sentido de serem falsos, como se o Brasil, Bolívia e Peru tivessem a mesma estrutura econômica do Canadá e da Alemanha. Destaco esse vocabulário de maneira negativa por ser reducionista. Não há outra perspectiva se não a da história única de subdesenvolvimento latino, miséria e ocupações urbanas irregulares.

5.1.5 POPULAÇÕES LATINAS

Vontade de Saber: Em se tratando de população, fala-se da composição étnica do continente. São trazidos como exemplo 5 gráficos em pizza mostrando composições étnicas da Guatemala, Haiti, Bolívia, Argentina e México. A interpretação e discussão desses gráficos fica a encargo do/a professor/a, visto que, novamente, a redação é composta nessa página apenas por um parágrafo.

Há um mapa temático tratando da densidade populacional da região latina. Ao sopé da página há uma breve reflexão sobre as áreas onde há maior e menor concentração da população. Estranhei o mapa, que traz a área de Montevideo destacada como mais densa que Lima, com seus 12 milhões de habitantes. Nesse mapa, alguns países são nominados, outros não. O critério para isso me pareceu aleatório. O mapa em questão pode ser visualizado a seguir, figura 12:



Figura 12 – Mapa de densidade populacional da América Latina.
Fonte: Vontade de Saber, 2015.

Processo de urbanização dos países latino-americanos é o título do texto que eu considere mais elucidativo até então. Os parágrafos falam das migrações, do crescimento urbano desordenado, da industrialização, concentração de terras,... Embaixo, ao final da página, temos uma fotografia de San Juan de Miraflores, no Peru retratando o que chamamos no Brasil de “favela” ou “vila”.

Homem & Espaço: Logo após o livro trabalhar com os povos autóctones, traz um contexto contemporâneo da composição étnica americana. Fala-se da diversidade dentro dos próprios grupos indígenas e das etnias oriundas da imigração – considerando aqui tanto a voluntária quanto a forçada. Temos uma sessão especial dedicada a Carolina de Jesus, escritora negra de Minas Gerais. As populações são tratadas na unidade 3, agregando todo o continente, enquanto a unidade 6, específica da América Latina, foca em alguns países e suas especificidades, não necessariamente tratando do assunto população. A abertura do capítulo 6, figura 13, abre uma premissa diferente, pondo em evidência uma fotografia retratando uma situação de movimento social no Peru retratada na figura 13.

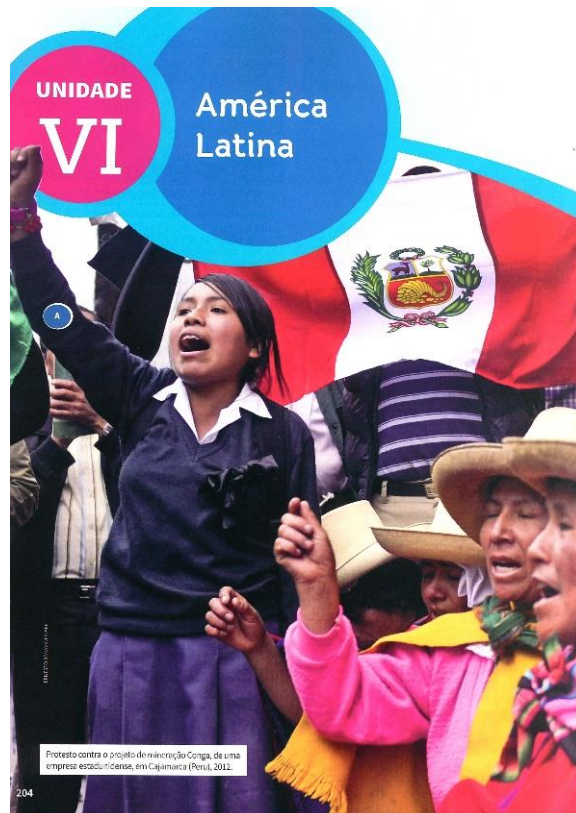


Figura 13 – Protesto no Peru contra projeto de mineração de empresa estadunidense.
Fonte: Homem & Espaço, 2015.

Apesar da expectativa que a apresentação do capítulo traz, as páginas seguintes exploram a temática econômica, e não há seguimento da discussão acerca dos movimentos sociais.

Expedições Geográficas: O trabalho com população não é feito em um contexto geral, embarcando toda a região latina: a população é tratada caso a caso, em cada país mencionado ao longo das quatro unidades finais do livro. Essa obra se mostrou mais fragmentada. Por um lado, é bom termos um detalhamento de países (por exemplo, o Paraguai) que comumente caem na gama de “ausências” das discussões em sala de aula. Porém, há uma total falta de integração, seja da América Latina, seja do continente Americano como um todo, vemos ele com mais detalhes, porém trabalhado em partes, sem uma integração.

População foi o assunto que teve a abordagem mais distinta entre os três livros. Foi trabalhada em escala de continente americano, de América Latina e de nação. Apesar da obra *Vontade de Saber* ter apresentado erros, foi a que mais explorou aspectos culturais e étnicos, enquanto *Homem e Espaço* trabalhou mais fortemente com dados de distribuição de população, população economicamente ativa – PEA, projeções de crescimento, etc, e *Expedições Geográficas* teve uma proposta caso a caso de acordo com o país que estava sendo tratado.

Apesar de ter me proposto a realizar a análise apenas dos capítulos ou unidades específicos de América Latina, isso não se mostrou possível pela organização estrutural das obras. Em termos da distribuição dos conteúdos, *Homem e Espaço* foi o que se propôs integrá-los mais, não deixando o ensino de Geografia tão fragmentado (apesar de, ainda assim, essa palavra ser propícia na descrição dos três livros). Por mais que essa obra tenha se mostrado menos segregadora que as outras, ainda assim há um longo caminho para percorrermos no sentido de relacionar, sobrepor, interligar os conteúdos.

6. ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

A primeira visão que desenvolvo quando concebo este trabalho é a de que a Geografia é válida e necessária. Talvez pareça improdutiva uma afirmação dessa natureza em um trabalho redigido por uma graduanda de licenciatura em Geografia, não é mais que minha obrigação defender a área de ensino que escolhi. Mas é nesse ponto que contraponho a obviedade: eu escolhi a Geografia e, romantismo a parte, de certa maneira ela me escolheu também. Se houve encantamento foi porque ela fez sentido ao meu redor; foi um estudo que me possibilitou abrir o leque de leituras do mundo, do espaço geográfico e mudar a percepção, o entendimento das ações e dos objetos. Portanto, por meio desse trabalho pude perceber a importância da Geografia escolar ratificada por meio da pesquisa.

Quanto ao objeto essencial para realização deste trabalho de conclusão, o livro didático se mostrou, ao longo das minhas leituras, reflexões e escrita, que não apenas é, mas se torna com base no que se faz dele. Se não é trabalhado, explorado, lido nas entrelinhas, não apenas frente ao que o livro diz, mas especialmente ao que não diz, não se torna muito significativo; dessa forma ele acaba sendo somente cada linha, cada gráfico, cada mapa, sem reflexões, sem as entrelinhas e as ausências: acaba restrito, inexplorado.

Um questionamento que me moveu foi “qual é a América Latina que se ensina nos livros didáticos?” As leituras das obras analisadas me fizeram perceber que a América Latina é a América que se estuda por último. Às vezes não está no último capítulo ou unidade dos livros, (mas ali, nesses casos, consta o continente africano, pois esse é ainda mais marginalizado que o território do qual fazemos parte). Me deparei com abordagens interessantes, de integração do continente americano antes de trabalhar com regionalização, e considero essa abordagem especialmente válida em se tratando de aspectos físicos, sobre como rios e montanhas não respeitam fronteiras, fazendo parte de diversos países, proporcionando visões de Amazônia na América do Sul e não apenas no Brasil, como alguns alunos em minhas experiências em sala de aula já mostraram conceber.

As abordagens dos livros seguem um padrão, tratando de assuntos clássicos: aspectos naturais, população, economia, exemplos do conteúdo aplicados à

realidade, aspectos culturais (os últimos tendo um espaço menor que as demais temáticas). As diferenças entre eles se mostraram na organização dos capítulos ou unidades e no espaço diferente que foi dado a cada tema.

A fragmentação dos conteúdos não aparece num sentido de facilitar o ensino expondo-o aos poucos, para que não se abarrote o aluno com informações demais de uma vez só, de modo que eles não consigam absorver ou conceber o todo antes das partes. É uma compartimentação que não é analisada em conjunto mais tarde, não envolve a relação e integração dentro de um contexto maior e mais complexo. A hidrografia, a vegetação e o clima não são sobrepostos ao relevo, e muito menos há a integração da correlação das populações com o meio natural. Primeiro temos a porção Oeste da América do Sul com a Cordilheira dos Andes, depois em economia vemos Bolívia, Chile, Peru e Colômbia e sua extração de minérios, mas falta a ponte entre uma situação e a outra.

Desde as minhas observações em sala de aula anteriores ao estágio vejo o quanto os alunos têm dificuldade em fazer relações. O livro criando as pontes entre os conteúdos auxilia os estudantes a desenvolverem essa autonomia da leitura relacional. Quando sequer temos a conexão entre a mesma temática (a exemplo, os aspectos físicos) muito mais distante está a amarração entre duas temáticas supostamente distintas e separadas. As ditas geografia Física e Humana andam de mãos dadas, as características do o espaço natural influenciam na economia.

Uma pretensão inicial que não consegui alcançar com esse trabalho trata da identidade latina, especificamente em se tratando da população brasileira e sua identificação (ou não) com esse território. Foi uma primeira experiência mais aprofundada de pesquisa e de reflexões, que permitiu que, como professora, eu tenha conseguido conceber o livro didático de maneira totalmente diferente que no momento prévio a esta análise.

Encerro este trabalho de conclusão me projetando em uma sala de aula frente ao livro didático com um outro olhar analítico, buscando detalhes tanto nos dizeres quanto nas ausências. Se destacou dentro de suas páginas a importância do nosso trabalho, a função dos professores em instigarem leituras mais aprofundadas, e o trabalhar *com* o livro, e não em função dele, apontar as possibilidades e não cair no erro da história única. A América Latina é a América vivida, falada, sentida, percorrida, e como professora não posso deixar essa América por último.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. **Expedições geográficas**. 2 ed. 8º ano. São Paulo: Moderna, 2015.

BARRETO, Marcelo Miller. **Análise de livros didáticos de geografia do ensino fundamental considerando diferentes hipóteses sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BRANCO, Anselmo Lazaro; LUCCI, Elian Alabi. **Homem e espaço**. 27 ed. 8º ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 116 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> >

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional - LDB**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 13 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

_____. Lei n. 13.005, de 25 de Jun. de 2014. **Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024**. Brasília, DF, Jun 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm >. Acesso em: 12 abri. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Dados Estatísticos PNLD 2017**. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos> >. Acesso em: 12 maio 2018.

_____. Ministério da Educação. FNDE. **Guia de livros didáticos ensino fundamental - anos finais**. 130p.

_____. Ministério da Educação. **Guia Digital PNLD 2017: Geografia**. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/index.html> >. Acesso em: 12 jun. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Histórico**. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico> > Acesso em: 12 abri. 2018.

_____. Ministério da Educação. INEP. **Censo Escolar Da Educação Básica 2016: Notas Estatísticas**. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017 >

/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf > . Acesso em: 12 maio 2018.

_____. Ministério da Educação. PNE. **Conhecendo as 20 Metas**. Disponível em: < http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2018.

CÂMARA, Marcelo Argenta. Territorialidades em Conflito e Projetos de Desenvolvimento na América Latina. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA. **Anais...** São Paulo, 2016.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Revista Paedagogica Histórica**, v. 38, n. 1, p. 21-49, 2002.

DIAS, Wagner da Silva. **A ideia de América Latina nos Livros Didáticos de Geografia**. Dissertação. (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DUARTE, Diogo Pereira. **Cenários Étnicos/Raciais nos livros didáticos de Geografia - Um clique na África**. Monografia (Especialização em Geografia). Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará. 2007.

FRANÇA, Luísa. Plataforma Educacional. **BNCC**: Tudo que você precisa saber sobre a Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: < <https://www.somospar.com.br/bncc-base-nacional-comum-curricular/> >. Acesso em: 12 abri. 2018.

COSCIONI, Fernando José. Richard Hartshorne: Trajetória e obra. **Revista Terra Brasilis** (Nova Série). 2017.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização À Multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 29: 11–24, jan., 2003.

_____. 1997. **Des-territorialização e Identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e Identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola Colonial. Sumário pormenorizado da lição de síntese apresentada a provas para obtenção do título de professor agregado do 4.º grupo (história) da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2003.

MONTAGNOLLI, Beatriz. Visões sobre América Latina nos livros didáticos de Geografia. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL PENSAR E REPENSAR A AMÉRICA LATINA, **Anais...** São Paulo, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 259p.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: trajetória, limites e perspectivas. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SILVA, Carla Holanda da. Território: uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de ação social. **Revista Geografar**. Curitiba, v.4, n.1, p.98-115, jan./jun. 2009.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas**: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre.

_____ et al. **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017. 278 p.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de Saber**. 2 ed. 8º ano. São Paulo: FTD, 2015.

UGARTE, Manuel. **La Nacion Latinoamericana**. 2 ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987. 424 p.

WASSERMAN, Claudia. et al. **História da América Latina**: Cinco Séculos. 3 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. 221p.